

**LIVRO DIDÁTICO: OS DESAFIOS DO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO COLETIVA COM
PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO ENSINO MÉDIO**

Luiz Gustavo Bonatto Rufino, Samuel De Souza Neto, Suraya Cristina Darido

Eixo 7 - Propostas curriculares e materiais pedagógicos no ensino e na formação de
professores

- Relato de Pesquisa - Apresentação Oral

Este estudo teve como objetivo analisar as principais dificuldades apresentadas por professores de Educação Física participantes de um processo de construção coletiva de um livro didático sobre alguns conteúdos referentes a esse componente curricular no Ensino Médio. Optou-se pelo estudo qualitativo e a pesquisa-ação, tendo a participação de cinco professores de Educação Física (dois homens; três mulheres) com média de tempo na docência de 13,8 anos. Os dados foram obtidos a partir do discurso dos participantes ao longo dos encontros referentes a um curso de formação continuada. Entre suas atividades tinha como meta desenvolver um livro didático construído coletivamente para subsidiar as ações profissionais. Ao total foram 12 encontros de formação, havendo a transcrição desses dados. A partir da análise de conteúdo realizada, os discursos com relação às dificuldades na elaboração do material foram divididos em duas categorias: a primeira, referente à necessidade de implementação das atividades propostas e, a segunda, correspondente às dificuldades na escrita e na materialização das ideias. Os resultados indicaram que embora haja dificuldades provenientes da construção coletiva de livros didáticos é possível a organização de grupos de trabalho que possam dialogar e elaborar materiais que auxiliem no desenvolvimentos da prática pedagógica. Proposições como a apresentada, por partirem do “terreno” da prática e por terem nos professores seus autores, tendem a ser significativas na medida que desenvolvem uma cultura da colaboração, trabalham os saberes profissionais, concebem a escola como lugar de formação e produção de saberes e contribuem na construção de uma epistemologia da prática docente.

**LIVRO DIDÁTICO:
OS DESAFIOS DO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO COLETIVA COM PROFESSORES
DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO ENSINO MÉDIO**

Luiz Gustavo Bonatto Rufino; Suraya Cristina Darido; Samuel de Souza Neto. UNESP,
Rio Claro. FAPES/CNPq.

Introdução: os livros didáticos e a Educação Física na escola

Nos últimos anos tem crescido exponencialmente o número de proposições pedagógicas relacionadas à utilização de materiais didáticos em sala de aula. Dentre estas, as propostas curriculares em nível estadual tem desempenhado um papel importante no que se refere ao processo de organização curricular e seleção dos saberes que devem ser democratizados pelo processo educativo (SAVIANI, 2003).

Da mesma maneira, os livros didáticos apresentam-se cada vez mais frequentes, permeando a prática pedagógica e subsidiando as ações curriculares em diversas instâncias, podendo ser definidos, como advoga Gimeno Sacristán (2000), como meios interventores do currículo. Propostas institucionais tais como o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e o Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), ambos de cunho federal, e o Programa Sala de Leitura do governo Estadual de São Paulo (em nível estadual) são exemplos de ampliação do número de materiais oferecidos, o que tem mobilizado autores, editoras e um grande capital financeiro. Essa configuração contribui com a afirmação de Apple (1995, p.81-82): “são os livros didáticos que estabelecem grande parte das condições materiais para o ensino e a aprendizagem nas salas de aula de muitos países através do mundo e considerando que são os textos que frequentemente definem qual é a cultura legítima a ser transmitida”.

Com relação aos papéis durante o processo educativo, Gimeno Sacristán (2000) aponta que os livros didáticos apresentam uma diversidade de funções, sendo que seus usos são determinantes para o reconhecimento efetivo deles enquanto meios interventores do currículo. O autor reconhece diversos aspectos positivos e negativos da utilização destes materiais, admitindo que por um lado eles podem anular a iniciativa dos professores, tornando as tarefas pouco flexíveis; porém, por outro, podem também ser utilizados como estratégias de inovação da prática, incidindo na realidade ao permitir aos professores aproveitar seus conteúdos de maneira crítica.

A Educação Física, historicamente, ficou à margem da discussão sobre os livros didáticos, o que corroborou com uma ausência de materiais para esse componente

curricular. Além disso, como ressaltam Darido et al. (2010), a ausência de materiais didáticos na Educação Física relaciona-se à própria identidade da área, vinculada muitas vezes a um saber fazer de origem apenas procedimental o qual contribuiu para com a lacuna de livros didáticos. Nos últimos anos, no entanto, tem emergido uma série de meios interventores do currículo da Educação Física escolar, tais como os livros didáticos e os materiais dos currículos estaduais, o que exige análises sobre como tem sido a utilização desses implementos ao longo dos processos de ensino e aprendizagem.

A atual configuração sobre os processos de elaboração de materiais didáticos tem apontado que, muitas vezes, eles são realizados por profissionais contratados por estados e governos ou editoras ou eles são oriundos do âmbito acadêmico. Em diversos momentos esse fato tem-se apresentado como um importante dilema uma vez que estas proposições correm o risco de considerar os professores apenas como reprodutores das proposições prescritas pelos materiais. Em uma análise do currículo de Educação Física do Estado de São Paulo, Neira (2011) reconhece a falta de consideração acerca das contribuições que os inúmeros docentes vinculados à rede estadual paulista poderiam oferecer caso fossem considerados seus saberes, conhecimentos e opiniões.

Dessa forma, é fundamental que se busque por processos de elaboração de materiais didáticos que possam também considerar os docentes que efetivamente estão intervindo na prática pedagógica como autores, levando-se em conta suas proposições, como sugere Thiollent (2008). Isso pode contribuir para com a maior atribuição de sentidos e significados para tais materiais e, conseqüentemente, auxiliar no desenvolvimento dos processos de ensino e aprendizagem.

Objetivo

O presente estudo teve como objetivo analisar as principais dificuldades apresentadas por professores de Educação Física participantes de um processo de construção coletiva de um livro didático sobre alguns conteúdos referentes a esse componente curricular no Ensino Médio.

Procedimentos Metodológicos

Optou-se pelo estudo qualitativo e a pesquisa-ação, tendo como participantes cinco professores de Educação Física do Ensino Médio de escolas públicas estaduais de uma cidade de médio porte do interior do Estado de São Paulo, sendo dois homens e três mulheres. O tempo médio de experiência na docência foi de 13,8 anos.

Os professores participantes do estudo pertenciam a um projeto de formação continuada vinculado à UNESP – Rio Claro cujo objetivo foi desenvolver uma proposta formativa à luz da racionalidade prática (SCHÖN, 2000). Além de refletir e discutir sobre a

prática pedagógica houve a proposição da construção coletiva de um livro didático que pudesse subsidiar as ações profissionais destes professores. Sobre o livro didático, Thiollent (2008) sugere que paralelo à pesquisa-ação deveria existir também a produção de material didático, pois este materializa o desenvolvimento humano dos professores no processo.

Nesta direção, os professores selecionaram o conteúdo das “lutas”, cujas dificuldades são muitas vezes relatadas como uma temática que apresenta uma série de desafios e especificidades para ser desenvolvida na escola (RUFINO; DARIDO, 2011).

No total foram realizados 12 encontros com a duração média de 4 horas cada e tempo total de aproximadamente 50 horas. Os encontros foram registrados por meio de um gravador de som e posteriormente transcritos para a análise. Realizou-se uma análise de conteúdo (BARDIN, 1991), elencando as principais representações apontadas pelos professores no que corresponde às dificuldades no processo de construção coletiva do livro didático proposto em categorias temáticas, as quais serão discutidas a seguir.

Resultados e discussão

A partir da análise de conteúdo empreendida, dividiu-se os dados referentes às barreiras e dificuldades com relação ao processo de construção coletiva do livro didático em duas categorias temáticas, a saber: necessidade de implementação das atividades propostas; dificuldades na escrita e na materialização das ideias. Cada uma das categorias será analisada separadamente a seguir.

Necessidade de implementação das atividades propostas

Uma questão central sobre a qual o livro didático construído coletivamente foi considerado refere-se à necessidade de implementação das atividades propostas. Ao longo de cada encontro, foi consenso geral entre todos os professores participantes que as atividades que foram elaboradas deveriam ser “testadas” em condições reais, ou seja, tudo o que era pensado nos encontros deveria ser implementado nas aulas dos próprios professores para, posteriormente, fazer parte ou não do material. Essa perspectiva partiu da consideração sobre a importância de elaboração de um material que pudesse abranger proposições de fácil compreensão para todos os professores, incluindo aqueles que não apresentam domínio significativo do conteúdo das lutas, conforme explicitado pelo professor 1: *“você que tem vivência em algumas coisas precisam entender que a gente tem que escrever um livro para o professor leigo, como eu”*.

A importância de implementação das atividades elaboradas, bem como de todas as dinâmicas pensadas de modo coletivo passaram a ser o mote de boa parte dos encontros todas as vezes que era pensado no livro. O maior temor dos professores

referia-se ao fato do livro abranger atividades que não tivessem sido testadas em suas próprias aulas e que fossem inviáveis em situações reais de ensino, o que poderia gerar certa desqualificação do material. Nas palavras do professor 1:

“Voltando ao livro: vamos precisar sempre aplicar o que discutirmos aqui para ver se vai dar certo e em qual idade, em qual série, com qual sala, tudo isso. É bom colocar no livro inclusive: ‘segundo pesquisa com os autores chegou-se a conclusão que o 2º ano teve uma resposta boa, observou-se melhora de tais coisas’ colocar algo assim no material sabe?” (PROFESSOR 1).

De maneira semelhante e propondo uma mudança na forma de se conceber os livros didáticos a partir da ênfase na dimensão prática, o professor 3 apoiou os demais professores e teceu o seguinte comentário:

“A gente tem que pensar o seguinte: eu sei que estamos aqui dentro da Universidade e ela exige isso, mas a gente tem que ter pé no chão! Se a gente vai fazer o livro para professores vai ter que ter aquela parte prática. Os professores de Educação Física, eu acho que todos, já estão de saco cheio de fazer reflexão de não sei o que, competências, habilidades (...) eu quero ver o prático, pegar na mão, ver o que eu posso fazer com meus alunos. Então você vai fazer a esgrima adaptada, por exemplo, você vai falar que trabalha isso, aquilo, plano, toque e tal (PROFESSOR 3).

Conforme é possível constatar nesse discurso, os professores buscaram, em diversos momentos distintos, propor uma dicotomia no que tange a perspectiva teoria e prática da Educação Física escolar. Desse modo, os professores elencaram que o livro deveria ser elaborado, sobretudo, de forma a propor atividades práticas – não necessariamente um receituário de atividades – mas que pudesse proporcionar ao professor um repertório de possibilidades para o trato pedagógico do conteúdo das lutas. De acordo com o professor 1, por exemplo: *“tem que ser atividades mais práticas, tem que falar a língua do professor. Se tem muita coisa escrita o professor já vai direto onde tem imagem. Mas no meio acadêmico eu sei que tem que ter algumas coisas escritas, só que não pode ser só teoria”.*

Essa visão pode ter influenciado fortemente a ênfase dada pelos professores à necessidade de implementação das proposições elaboradas ao longo dos encontros em suas próprias práticas nas escolas. Essa necessidade pode ser atestada na fala da professora 4: *“vamos pensar em tomar esse cuidado para testar o livro eu na minha escola, você na sua escola e ir encontrando as falhas A gente tem que aplicar, fazer o teste para ver se deu certo, não pode fazer a coisa e achar que aquilo que é a verdade sem testar”.* No entanto, esse próprio professor admitiu em outro momento ao estabelecer considerações sobre a elaboração do material, contrapondo as indagações dos outros participantes: *“mas não dá para ser só teoria, também não é assim” (PROFESSORA 4).*

O livro didático na Educação Física escolar, independente do conteúdo abordado, não deve contribuir para a dicotomia das perspectivas teoria contra a prática. Na verdade, esse material, na opinião de Darido et al. (2010) deve ser “intimamente ligado ao processo de ensino-aprendizagem, ou seja, elaborado e produzido com a intenção de auxiliar as necessidades de planejamento, intervenção e avaliação do professor, bem como de contribuir para as aprendizagens dos alunos”. Ou seja, ele é justamente um material de auxílio ao professor que pode permitir maior facilidade nos processos de ensino e aprendizagem e uma articulação mais eficaz entre as dimensões dos conteúdos, apresentando aspectos conceituais, propondo formas procedimentais de intervenção e elencando ainda possibilidades de trato da dimensão atitudinal.

A não compreensão das possibilidades de abrangência de um determinado material pode provocar a errônea ideia de que as atividades contidas nele devem ser ensinadas a partir de aulas teóricas em sala de aula e as atividades de vivências propostas devem ser realizadas na quadra de maneira prática.

Todavia, tal qual apresenta Betti (2005), na prática pedagógica, o professor de Educação Física está constantemente interagindo diferentes formas de compreensão de saberes e conhecimentos, não sendo possível, a partir de uma perspectiva referente à apropriação crítica da cultura corporal de movimento, separar ações “teóricas” das ações “práticas”. O autor explica sua consideração a partir de algumas exemplificações que resvalam diretamente na prática pedagógica. Para ele:

Vamos supor (...) que não se comprove que “atividade física é boa para a saúde” (...) ou que “o judô não torna as crianças menos agressivas e mais disciplinadas”. O que aconteceria então? Pode-se pensar em mudanças nas estratégias e conteúdos das práticas profissionais/pedagógicas, buscando preservar a valoração que foi efetuada inicialmente (quer dizer, a articulação entre meios e fim), até a confrontação com o paradigma hegemônico vigente sobre saúde, ou com os pressupostos filosóficos e pedagógicos que fundamentam o esporte como meio de educação. **Não vejo aí como se possa separar a “prática” da “teoria”, ou a “intervenção” da “explicação”** (BETTI, 2005, p. 188, grifo nosso).

Na verdade, teoria e prática devem estar entrelaçadas o tempo todo, tanto em sala de aula quanto na quadra. Essa incompreensão pode ainda acarretar dois grandes problemas que envolvem a prática pedagógica e o uso de livros didáticos na Educação Física escolar:

- 1) O livro didático ou outros materiais podem sugerir ao professor dicotomizar seu trabalho ao utilizá-los apenas em seu caráter conceitual, explicando alguns conhecimentos presentes, porém não permitindo que as reflexões sejam extrapoladas para o âmbito procedimental e atitudinal. Esse fato iria requerer não apenas vivências acerca das mais diversas manifestações da cultura corporal de movimento mas também

procedimentos de pesquisa, análise de imagens, busca por referências, apresentação de trabalhos entre outras questões.

2) Corre-se o risco do livro ou outros materiais, bem como os currículos estaduais, serem ensinados de forma normativa e prescritiva apenas em seu caráter conceitual, enquanto que as atividades procedimentais – inclusive as vivências das mais variadas manifestações da cultura corporal de movimento – mantenham-se atreladas à outras proposições de cunho mais tradicional. Ou seja, o professor em uma aula dupla, por exemplo, poderia utilizar o material para explicar os conceitos existentes, realizar atividades propostas e responder dúvidas dos alunos e, na segunda aula, já em quadra, realizar atividades descontextualizadas com relação às proposições dos materiais, de acordo com outras formas de atuação, apresentando um jogo qualquer aos alunos ou deixando que eles ditem as atividades.

Pensar um livro didático requer certas reflexões encaminhadas em busca dos objetivos do material e deve considerar suas eventuais limitações. Quando este processo ocorre de modo coletivo a complexidade é ainda maior uma vez que deve abarcar de forma participativa e democrática, diferentes perspectivas, opiniões e considerações, tarefa muitas vezes ainda mais complexa e que deve ser subsidiada por relações dialógicas, necessitando de muitas leituras, reflexões e proposições.

No entanto, para que estas proposições possam realmente constar no material, é de suma importância que elas sejam implementadas nos mais diversos contextos de atuação. Esse fato não garante, no entanto, que as atividades realizadas *in loco* sejam realmente asseguradas que serão realizadas com sucesso em todos os contextos uma vez que há uma série de imprevistos e possibilidades inerentes à prática pedagógica que material algum é capaz de suprir. Por outro lado, o fato de proposições serem “testadas” e implementadas previamente possibilitaram uma maior reflexão sobre elas, melhorando sua leitura e interpretação e contribuindo para com outros contextos de atuação ao consentir flexibilidade e viabilidade dessas propostas.

Dificuldades na escrita e na materialização das ideias

Outro fator ressaltado pelos professores participantes da pesquisa refere-se às dificuldades na escrita e na materialização das ideias. Esse fato foi corroborado por todos os professores ao longo dos encontros, muitas vezes considerando que o ato de escrever e re-escrever não é uma tarefa simples e requer dispêndio de tempo e reflexão conceitual, além do domínio da escrita e das normas cultas da língua portuguesa. De acordo com o professor 1: *“para mim escrever é muito difícil. Só essas 3 atividades aqui que eu fiz eu fiquei horas, horas para fazer”*. Para exemplificar suas dificuldades esse colaborador apontou: *“Eu sei o que quero, mas na hora de escrever aparecem os vícios*

de linguagens, tudo isso conta. Aí tem que lapidar o texto, e demora muito, muito, muito. É muito difícil escrever, língua portuguesa é uma coisa de louco” (PROFESSOR 1).

A consideração das dificuldades em escrever foram relatadas também pelo professor 3, exemplificando a partir de sua necessidade por elaborar planejamentos enquanto docente de uma escola particular: *“eu acho difícil também escrever. Na escrita culta você demora para escrever, não tem como. Quando eu trabalhava na escola particular eu levava um final de semana inteiro para fazer um planejamento! Enchia muito o saco”*. Já a professora 4 admitiu:

“Algumas coisas que a gente coloca, quando começa a falar a gente não pensa, às vezes quando escrevemos alguma coisa temos a impressão que as pessoas vão entender tudo e não é verdade, nem tudo fica subentendido. A gente vai escrever o livro para pessoas que não dominam esse conteúdo. São professores como nós e a gente sabe que a formação dos formadores no Brasil principalmente ainda não é tão boa. Tem um monte de artigos falando isso, por isso temos que ser muito claros e pensar que estamos escrevendo para todos os tipos de pessoas, principalmente os leigos” (PROFESSORA 4).

O fato da maior parte dos professores participantes afirmarem não terem muito domínio conceitual sobre alguns conteúdos da área da Educação Física certamente dificultou o processo de materialização das ideias sobre as proposições contidas no material elaborado. Ainda, o fato de o livro ser destinado a todos os professores também exige certas reflexões sobre o processo de escrita, para que este material pudesse se tornar algo compreensível, tangível e utilizável na prática pedagógica.

No entanto, há ainda outras dificuldades acerca do processo de escrita. A primeira refere-se, conforme os próprios professores destacaram, às dificuldades no próprio domínio da norma culta da língua portuguesa e na transposição dos discursos realizados de forma oral para a linguagem escrita. Além disso, os professores admitiram também que não costumam escrever muito, nem mesmo em seus planejamentos de ensino ou de aula, fato que proporciona poucas experiências textuais à eles, refletindo dificuldades de escrita.

Essa dificuldade é bastante complexa e envolve uma série de agravantes que os encontros não foram capazes de suplantar. Destaca-se, no entanto, a criação coletiva de uma série de estratégias para contribuir com o processo de materialização escrita das ideias dos professores. A primeira certamente foi a gravação dos encontros, que propiciou uma posterior transcrição de algumas proposições deles. A segunda foi a realização ao longo dos próprios encontros de atividades de escrita das próprias atividades. Quando o tempo não permitia, algumas atividades ficaram destinadas para realização em casa para posterior devolução, algo que foi apoiado por todos os colaboradores. Finalmente, houve momentos de troca de partes escritas, ou seja, um colaborador lia as proposições do outro para avaliar a compreensão e clareza das partes

escritas, algo bastante profícuo, pois possibilitou discussões e novas formas de escrever as atividades, objetivando sua clareza e coerência.

A inserção de outras formas de linguagem, sobretudo com relação às imagens foi também uma estratégia que serviu para auxiliar a descrição das atividades. Isso não significa que as imagens tiveram a função de substituir as partes escritas do material, mas que elas contribuíram para elucidar certas exemplificações e demonstrar parte das proposições apresentadas. Os próprios colaboradores foram enfáticos ao ressaltarem a importância de haver várias imagens no material. Para o professor 1, por exemplo: *“às vezes quando você pega o livro em uma livraria, você faz isso: folheia ele, se aparecer figura você para e acha legal, porque chama a atenção, agora se eu mexo e só tem coisa escrita eu falo ‘aí que saco!’”*. Em outra analogia esse mesmo professor destacou a importância de utilização de imagens na parte da proposição de atividades. Para ele: *“sabe o recheio? Quando fica muita massa e na hora que você vai comer o bolo e só tem um recheio? É isso, meu medo é esse, não pode ficar com pouco ‘recheio’. Precisamos pensar em mais atividades, precisamos de mais atividades e imagens sim”* (PROFESSOR) 1.

Ao longo dos encontros, várias imagens foram sendo elaboradas, propiciando melhor entendimento das proposições apresentadas no material. Um dos professores, inclusive, tinha capacitação em fotografia por meio de alguns cursos, além de apresentar recursos tecnológicos que auxiliaram no trato das imagens registradas dos encontros, o que viabilizou uma série de projeções fotográficas que contribuíram para enriquecer as caracterizações e descrições presentes no material.

Para viabilizar formas didáticas de apresentação de um material pedagógico, várias são as estratégias e possibilidades que precisam ser abarcadas, relacionando as mais diversas formas de linguagem com textos, imagens, instruções, dicas, atividades propostas de modo objetivo, entre outras questões. Porém, é preciso ressaltar a importância da relação com as especificidades daquilo que o material se propôs a abranger, ou seja, as questões didáticas devem viabilizar meios de entrelaçamento de conteúdos didáticos com o conteúdo específico.

No caso do livro, as atividades devem ser relacionadas com essa manifestação da cultura corporal de movimento em diversas possibilidades. Nas palavras de Diniz e Darido (2012) o livro precisa manter a conexão com a Educação Física para que a especificidade da área seja mantida, além de buscar abranger as dimensões dos conteúdos de forma completa. Dessa forma, as atividades práticas precisam atender as necessidades da faixa etária a qual o livro se destina, ao mesmo tempo em que o professor deve ter a liberdade para adaptá-las ao contexto e às características específicas de seus alunos, fato que reflete que o próprio livro pode fornecer algumas

sugestões no concernente se refere à adaptação das ações propostas, proporcionando um rol maior de atividades (DINIZ; DARIDO, 2012).

Como aponta Gimeno Sacristán (2000), há diversos meios escritos, gráficos, audiovisuais, entre outros, que o professor pode aproveitar oportunamente numa determinada estratégia de ensino que ele estrutura objetivando a transposição didática dos conteúdos ensinados. Por isso, a utilização de materiais não pode ser vista como um fim em si mesmo e sim como forma de contribuir com o aspecto didático do ensino. Dessa forma, o autor enfatiza que “recomendar a eliminação de qualquer meio que proporcione ao professor modelos pré-elaborados do currículo, como são os livros-textos, supõe deixar boa parte deles sem saída alguma” (GIMENO SACRISTÁN, 2000, p. 149).

Seria como exigir dos professores que “reinventassem a roda” constantemente, ao elaborarem todo o seu processo de sistematização – que iria variar em cada sala e em cada escola – além de construir seu arsenal de materiais necessários para facilitar a transposição didática em cada contexto e ensinar de maneira crítica e reflexiva, fato inviável até para as mais profícuas teorias pedagógicas da contemporaneidade. Nas palavras de Gimeno Sacristán (2000, p. 150): “seria absurdo que o professor tivesse que ser a fonte das diferentes informações que se podem utilizar e são necessárias para desenvolver o currículo nas diversas áreas ou disciplinas”.

Gimeno Sacristán (2000) ressalta ainda que o professor pode utilizar quantos recursos sentir necessários para auxiliá-lo, entretanto, a dependência dos meios estruturadores da prática é um motivo de desqualificação técnica em sua atuação profissional uma vez que eles não passam a não se enxergarem mais enquanto produtores de conhecimentos relacionados à prática pedagógica.

Essas análises permitem compreender que uma série de dificuldades permeia as relações entre os professores e os livros didáticos, tanto no que corresponde à sua ausência para o componente curricular da Educação Física, como sobre as formas de elaboração desses materiais que requer empenho e muitas reflexões envolvidas, passando pela sua apropriação durante a prática pedagógica até finalmente chegar aos seus modos de utilização crítica e reflexiva.

Como salienta Gimeno Sacristán (2000, p. 158): “um professor que crie todos os meios didáticos para sua prática, inclusive trabalhando em grupo, é, no melhor dos casos, uma meta”. Por isso, o processo de construção coletiva, apesar das dificuldades vivenciadas e relatadas, pode ser considerada como um profícuo momento de reflexão e de autoria coletiva de formas de se pensar a prática pedagógica.

No entanto, mais importante do que esse processo de criação é estar preparado para apropriar-se criticamente dos mais diversos meios interventores do currículo ao longo dos processos de ensino e aprendizagem, para que ele possa enriquecer sua

prática e compreender criticamente todos os condicionantes que a rege. Esse fato compreende mudanças emergenciais na formação dos professores para que eles criem relações com os livros didáticos que não sejam simbióticas ou predatórias e sim mutualísticas, ou seja, que estes materiais possam contribuir, diariamente, com o fazer pedagógico dos professores de Educação Física em todas as dimensões dos conteúdos.

Considerações finais: em busca da autoria coletiva

De modo geral, o estudo objetivou analisar as principais dificuldades apresentadas por professores de Educação Física participantes de um processo de construção coletiva de um livro didático sobre alguns conteúdos referentes a esse componente curricular no Ensino Médio. Para isso, analisou-se os discursos de cinco participantes de um curso de formação continuada sob a égide da pesquisa-ação, tendo como objetivo principal refletir sobre a prática pedagógica.

Thiollent (2008) ressalta que paralelamente à pesquisa-ação deveria existir também a produção de material didático, gerada pelos participantes e para ser distribuído em escala maior, fato que sugere que a produção colaborativa de livros didáticos pode ser um caminho possível em busca dessa proposição. Desse modo, buscou-se compreender como se desenvolve o processo de construção coletiva de um livro didático que pudesse subsidiar as ações profissionais dos professores de Educação Física.

Especificamente no presente estudo, analisou-se as principais dificuldades elencadas pelos participantes no que corresponde a produção coletiva de livros e materiais didáticos. A partir das análises realizadas foi possível constatar que os desafios estiveram relacionados tanto à necessidade de implementação das atividades propostas quanto com relação às dificuldades na escrita e na materialização das ideias.

Os resultados indicaram que embora haja dificuldades provenientes da construção coletiva de livros didáticos é possível a organização de grupos de trabalho que possam dialogar e elaborar materiais que auxiliem no desenvolvimentos da prática pedagógica. Proposições como a apresentada, por partirem do “terreno” da prática e por terem nos professores seus autores, tendem a ser significativas na medida que desenvolvem uma cultura da colaboração, trabalham os saberes profissionais, concebem a escola como lugar de formação e produção de saberes e contribuem na construção de uma epistemologia da prática docente.

Dessa forma, a partir da presente análise, espera-se que outras iniciativas possam vir a contemplar demais conteúdos da Educação Física, bem como de todos os outros componentes curriculares, tendo em vista a consolidação da visão que compreenda os professores como autores de suas próprias práticas e de materiais didáticos que a ela estejam relacionados.

Referências bibliográficas

- APPLE, M. **Trabalho docente e textos: economia política das relações de classe e de gênero em educação.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** Lisboa: LDA, 1991.
- BETTI, M. Educação física como prática científica e prática pedagógica: reflexões à luz da filosofia da ciência. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 183 – 197. 2005.
- DARIDO, S. C.; IMPOLCETTO, F. M.; BARROSO, A. L. R.; RODRIGUES, H. A. Livro didático na Educação Física escolar: considerações iniciais. **Motriz**, Rio Claro, v. 16, n. 2, p. 450 – 457, abr./jun. 2010.
- DINIZ, I. K. S.; DARIDO, S. C. Livro didático: uma ferramenta possível de trabalho com a dança na Educação Física escolar. **Motriz**, Rio Claro, v.18 n.1, p.176-185, jan./mar. 2012.
- GIMENO SACRISTÁN, J. **O currículo: uma reflexão sobre a prática.** Porto Alegre: Artmed, 2000.
- NEIRA, M. G. A proposta curricular do Estado de São Paulo na perspectiva dos saberes docentes. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.25, p. 23-27, nov. 2011. Suplemento n.6.
- RUFINO, L. G. B.; DARIDO, S. C. A separação dos conteúdos das “lutas” dos “esportes” na Educação Física escolar: necessidade ou tradição? **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 14, n. 3, p. 117, set./dez. 2011.
- SAVIANI, N. **Saber Escolar, currículo e didática: problemas da unidade conteúdo/método no processo pedagógico.** Campinas: Autores Associados, 2003.
- SCHÖN, D. A. **Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação.** São Paulo: Cortez, 2008.